

Ser Autor

Uma Jornada De Vários Caminhos

Prof. Emílio Figueira

Ser Autor

Uma Jornada De Vários Caminhos



São Paulo

2016

Edição e capa: **Emilio Figueira**

Capa: Dom Quixote de Vincen van Gogh

Imagens da internet

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

AGÊNCIA BRASILEIRA DE ISBN

© 2016– Emílio Carlos Figueira da Silva

SER AUTOR: UMA JORNADA DE VÁRIOS CAMINHOS.
Emilio Figueira. – São Paulo : Figueira Digital/Agbook,
2016.

1. Escrita. 2. Redação. Mercado Editorial. 3 Literatura Brasileira. 4. Literatura Infantojuvenil. 5. Dramaturgia

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei no. 9.610/98.

APRESENTAÇÃO

Meu Depoimento Como Autor



Mas meu objetivo aqui é lhe contar a minha relação com os livros, caminhos de achei para publicar os meus quase 60 livros e o caminho de perseverança para ser um autor!

Antes mesmos dos dez anos eu já tinha definido que queria ser escritor. Passei muitos anos - primeiro na máquina de escrever,

depois no computador -, escrevendo e reescrevendo. Enviava cartas e originais às editoras, mesmo com todos os meus erros de datilografia e português na esperança de ser publicado. Ficava em média seis meses esperando uma resposta que sempre era “não”.

Foram mais de cinquenta recusas, cheguei a formar uma grossa pasta com todas essas cartas.

Meus primeiros livros foram financiados pelo meu pai. Mas eu nunca desistir desse sonho e objetivo. O tempo, o amadurecimento, os cursos, as oficinas literárias, as formações paralelas e a constante prática foram aperfeiçoando o meu texto.

Quando se tem um objetivo fixo e você trabalha retamente por ele, no momento certo os caminhos se abrem. Quase vinte anos depois, com surgimento de novas tecnologias e da internet, descobri a autopublicação. Os cursos que eu havia feito em artes gráficas e diagramação, capacitam-me a publicar e lançar meus livros sozinho. Foi como abrir a gaveta e deixar uma média de trinta títulos.

Tenho o dia 30 de julho de 1983, data que foi publicado o meu primeiro texto na Folha de Guaraçai, como o marco inicial da minha carreira. De lá para cá, escrevi mais de 100 livros, sendo que 40 originais joguei no lixo por considerá-los apenas um exercício de

estilo e ritmo de escrita, 58 foram publicados e o resto continua inédito, entre romances, contos, ensaios, poesias e infantis.

Bem, o que posso concluir de mim mesmo? Sempre fui movido pela curiosidade de aprender e apaixonado por processos de criações. Se muitas coisas deram certo na minha vida, foram porque muito mais coisas e tentativas também deram erradas. Mas eu nunca as vi como fracasso e sim como acúmulo de experiência para corrigir erros e tentar novamente.

O que imagino e desejo, eu vou lá e me arrisco sem ficar pesando os prós e os contras. Meus feitos e criações são repentes que me dão e vou lá e executo, mantendo uma harmonia entre o pensar e o agir.

Diante de qualquer limitação que aparece por causa da minha deficiência física/motora, não exclamo que “não vou conseguir”; digo “eu vou tentar”!

Quando alguém me pede algo que realmente não sou capaz de realizar, apresento alternativa para compensar aquela tarefa.

Diante das dificuldades, eu nunca deixo de pedir ajuda quando necessito. Gosto de fazer “pirraça” aos meus pensamentos limitantes; sempre que eles dizem que não sou capaz de fazer algo,

vou lá e faço, mesmo que não seja exatamente como as demais pessoas, mas faço de meu jeito.

Sei que algumas coisas que faço ou escrevo apresentam erros, só que para mim o feito é melhor que o perfeito escondido em uma gaveta. Sempre estarei em busca de resultados e não de reconhecimentos. O que deva ser a meta de qualquer autor!

Prof. Emílio Figueira

Julho de 2016

Site pessoal:

www.emiliofigueira.com

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
<i>Meu Depoimento Como Autor</i>	<i>5</i>
 MÓDULO 1 - O ESCREVER COMO PROFISSÃO	13
<i>Aula 1 - A Formação E O Papel Do Autor</i>	<i>15</i>
<i>Aula 2 - A Bagagem Cultural do Autor.....</i>	<i>21</i>
<i>Aula 3 - A Ficção E A Função Social Do Escritor</i>	<i>25</i>
 MÓDULO 2 - COMO ESCREVER BEM.....	33
<i>Aula 4 - A Perda Do Medo De Escrever</i>	<i>35</i>
<i>Aula 5 - Esquematizando o Texto</i>	<i>42</i>
 MÓDULO 3 - LIVROS DE NÃO-FICÇÃO	51
<i>Aula 6 - Os Livros De Formação.....</i>	<i>53</i>
<i>Aula 7 - Tipos De Livros De Formação.....</i>	<i>61</i>
<i>Aula 8 - Necessidades Do Público-Alvo E A Viabilidade Do Projeto</i> <i>.....</i>	<i>69</i>
<i>Aula 9 - A Dissertação E Sua Estrutura.....</i>	<i>79</i>
<i>Aula 10 - As Funções De Linguagem</i>	<i>85</i>

MÓDULO 4 - OBRAS LITERÁRIAS	91
<i>Aula 11 - A Iniciação Literária E O Ato De Escrever.....</i>	<i>93</i>
<i>Aula 12 - A Jornada do Herói de Joseph Campbell.....</i>	<i>101</i>
<i>Aula 13 - O Conto</i>	<i>107</i>
<i>Aula 14 - O Romance</i>	<i>115</i>
<i>Aula 15 - A Novela Literária</i>	<i>126</i>
 MÓDULO 5 - ESCRREVENDO SOBRE PESSOAS.....	 141
<i>Aula 16 - Biografia De Pessoas Próximas.....</i>	<i>143</i>
<i>Aula 17 - Biografando Pessoas Famosas Ou Históricas.....</i>	<i>147</i>
<i>Aula 18 - Livros De Memórias</i>	<i>154</i>
 MÓDULO 6 - ESCRREVENDO PARA CRIANÇAS.....	 163
<i>Aula 19 - Origens E Modalidades Da Literatura Infantil.....</i>	<i>165</i>
<i>Aula 20 - Os Livros Infantis E O Desenvolvimento Da Criança ...</i>	<i>174</i>
<i>Aula 21 - Características Do Livro Infantojuvenil.....</i>	<i>183</i>
<i>Aula 22 - Escrevendo Para Criança E Jovens.....</i>	<i>193</i>
<i>Aula 23 - Outras Dicas Práticas</i>	<i>206</i>
 MÓDULO 7 - LIVROS DIGITAIS	 217
<i>Aula 24 - Os Livros Digitais E Suas Vantagens</i>	<i>219</i>

<i>Aula 25 - Uma Linguagem Universal</i>	227
MÓDULO 8 - CAMINHOS DA PUBLICAÇÃO	231
<i>Aula 26 - Conhecendo O Mercado Editorial Brasileiro</i>	233
<i>Aula 27 - A Decisão De Publicar.....</i>	238
<i>Aula 28 - Encaminhado Para Avaliação</i>	243
MÓDULO 9 - TEATRO E CINEMA	251
<i>Aula 29 – Dramaturgia</i>	253
<i>Aula 30 - Iniciação à Roteirização</i>	262
MÓDULO 10 - A CRÔNICA.....	277
<i>Aula 31 - Conceito E História.....</i>	279
<i>Aula 32 - Estilos e Elaboração</i>	282
MÓDULO 11 - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	287
<i>Aula 33 - Desenvolvimento da Técnica</i>	289
<i>Aula 34 - Criação de Roteiro E A Diagramação</i>	297
<i>Aula 35 - Como Se Desenvolve Um Desenho</i>	312



MÓDULO 1

O ESCREVER COMO PROFISSÃO



Aula 1 - A Formação E O Papel Do Autor

Há várias maneiras de se expressar através da arte. Um pintor utilizar-se-á de tintas, telas e pincéis para pintar e levará a sua mensagem através de um quadro. O músico utilizará as combinações harmoniosas dos sons para comunicar-se com o seu público. Já o escritor ou o poeta terá as palavras como ferramenta e, utilizando-as com arte, expressará suas ideias e sentimentos. Literatura é a técnica de usar as palavras com arte, pois, qual a necessidade de se fazer literatura num mundo como o nosso?

Simplesmente façamo-la como ela sempre foi feita: a partir da realidade dos sonhos dos seres humanos. Buscando realizar a partir deste material comum alguma coisa nobre.

Ao contrário da comunicação cotidiana, em que as palavras têm valores predominante unitários, denotativas, quando utilizadas de

maneira literária, as palavras adquirem sentidos duplos, conotativos, criando mundos poéticos e ficcionais. Para se criar esses mundos, o escritor parte sempre de um mesmo ponto: *a realidade*! Poderá expressar essa realidade de forma objetiva, como também de forma subjetiva.

Cabe aqui fazermos algumas considerações em relação à *linguagem literária* e à *linguagem não-literária*. A linguagem literária é rica de palavras de sentidos figurados, comparações que permitem às palavras adquirem sentidos mais amplos do que geralmente possuem; o escritor ou poeta, levando em conta o tema e a originalidade de expressão, está sempre preocupado em escolher as palavras e formas de expressões para dar vida e beleza aos seus textos. Já a linguagem não-literária é objetiva e direta, utilizando palavras de sentido utilitário, sem expressões artísticas, preocupando-se sempre em transmitir o conteúdo.

Importante destacar também que, uma vez que consideramos a literatura como a forma artística de representação da realidade, não podemos, no entanto, confundir o conteúdo de uma obra literária com cenas corriqueiras da vida real. Personagens e acontecimentos de um texto não são seres de carne e osso, mas sim figurantes de algo que intitulamos de *realidade artística* ou *realidade literária*. Exigir que um escritor aborde em sua obra tudo o que envolve o assunto em pauta, seria ingenuidade.

Ao escolher um tema para escrever - muitas vezes ligado ao seu ambiente e conhecimento cultural -, ele selecionará o que achar mais relevante, organizando as ideias de maneira que possam provocar impactos aos leitores. Há muitas coisas que passam despercebidas e sem interesse em nosso cotidiano, porém quando o mesmo assunto é abordado através de uma redação literária - numa poesia, num conto, num romance, por exemplo -, nos causam comoções por estarem expressas em uma linguagem artisticamente elaborada.

Se compreendermos essa *realidade artística*, automaticamente estaremos compreendendo o que é uma obra de arte e como sobrevive no decorrer da história, despertando e mantendo o interesse de inúmeras gerações de leitores.

Sobretudo, mesmo tendo a *realidade artística* para se apoiar, o escritor consciente tem um papel social a cumprir. Desde sempre, aqueles que escrevem realizam em suas obras reflexões sobre a realidade exterior, apresentando-as ao público em geral, fazendo da publicação de livros, a necessidade de transmitir ideias, passará a ser também um formador de opinião pública. A função do escritor, portanto, é mergulhar no âmago dos fatos, à luz do seu tempo histórico e refletir sobre eles, tirar lições e ampliar sua consciência, levando depois para fora, para os canais coletivos, a percepção transformada e escrita sobre esses fatos intuídos ou observados. A

forma é que pode variar: poesia, prosa, romance, ficção - mas deve sempre retratar o conflito entre o fato e o intelecto.

Um dos principais papéis do escritor é registrar a sua época para a posteridade. Mas voltamos a insistir que esse profissional também deverá ter um importante papel de transformador em seu presente. Às modificações construídas no tempo, a literatura apresenta uma característica muito especial. Ao mesmo tempo que se revela como um produto da História, ela tem a capacidade de atuar no sentido de transformar esta história. Como as outras formas de arte, a literatura traduz e provoca inquietações que vão, muitas vezes, alimentar a busca de mudanças que é do próprio homem vivo.

E, como a História, de que é parte, ela possui um caráter de processo, trabalhando numa linha de continuidade e as modificações que aí surgem vão, aos poucos, corroendo as leis e os valores que pareciam sagrados num tempo anterior. Isso significa que na república da literatura é impossível - porque é inútil - baixarem-se decretos determinando essa ou aquela mudança. Elas vão se fazendo no interior da vida da sociedade e num dado momento, que não é imposto por nenhum ditador, começam a surgir no texto.

Vale lembrar que o ato de criar traduz um grau de liberdade quase sempre proibido às atividades mecanizadas a que a maioria dos homens se vê condenada numa sociedade como a nossa.

Antes de ser um artista, o escritor é um homem e, como tal, não vive solto no ar, definindo suas relações com outros homens, o que faz dele um ser social. Mesmo tendo a chamada “mente aberta” (o que dizem sobre todos os ditos “intelectuais”), o escritor terá que se orientar pelo sistema de normas e valores que influenciará a sua atuação dentro e fora de sua comunidade. Tal significa que o ato criador, mesmo sendo um ato individual, mesmo sendo visto como um exercício de liberdade, se faz sob as influências que vêm dos mais diversos aspectos da vida.

Apesar de exercer uma atividade geralmente cercada de um grau de mistério que, em nossa sociedade, muitas vezes o coloca num espaço quase sagrado, o artista não pode escapar das pressões das chamadas condições históricas. Na verdade, a obra de arte deve, nessa perspectiva, ser vista como uma resposta do artista ao quadro imposto pelas questões econômicas, políticas e sociais da sociedade de que ele também é parte.

Um grande passo para alguém estar preparado para exercer atividades literárias, é dar firmes passos rumo aos cinco estágios da reflexão consciente:

- **RECEBER**, *que significa não ter preconceitos nem contra o novo nem contra o velho, não ter a pretensão de já saber de véspera. Afinal, a busca do homem não têm limites.*

- **INTERIORIZAR**, que significa não deixar que o lido atravessasse a mente sem deixar sinais; significa a capacidade de recordar. Muitas pessoas são incapazes de dizer, minutos após a leitura, o assunto do texto que leram.
- **DISCERNIR**, que é compreender o real sentido por trás das palavras do texto. Ver nele algo mais que simplesmente letras distribuídas num espaço.
- **DISCUTIR**, ou seja, não aceitar pura e simplesmente tudo que se diz: ter algo a dizer, ainda que não muito apropriado. Articular o próprio pensamento em palavras desenvolve a inteligência, ainda que o pensamento não valha muita coisa a princípio.
- **PRODUZIR**, eis o essencial, o coroamento da inteligência humana: saber dizer ou escrever porque concorda ou não.



Aula 2 - A Bagagem Cultural do Autor

Tão importante quanto refletir sobre o ato de escrever, são algumas considerações sobre a obra *literária* e a *não-literária* e suas relações com a realidade.

Há dois tipos de concepção da realidade: a concepção intuitiva e individual, e a concepção racional e universal. A concepção intuitiva e individual é o modo que cada um de nós tem de sentir a si mesmo e ver a realidade externa (real ou imaginada); a concepção racional e universal é o modo como a inteligência humana, trabalhando segundo regras específicas, próprias de cada ramo das Ciências Humanas e das Ciências Naturais, interpreta a realidade psicológica ou física.

Uma das características da obra literária deve ser o tipo de conhecimento da realidade que ela transmite. Esse conhecimento, intuitivo e individual repassado, será sempre aquele que de forma natural, cada ser humano têm dos fatos e das coisas, tais como: sabemos o que se passa dentro de nós (sentimentos, ideias, imaginação) e em volta de nós (o comportamento das pessoas, fenômenos naturais e sociais etc.). São reações e sentimentos que todos nós somos capazes de expressar, à viva voz ou por escrito. O mesmo ocorre com um escritor e, por isso, dizemos que sua obra (como qualquer obra de arte) expressa seu conhecimento individual e intuitivo da realidade.

Uma vez que a obra literária se torna diferente da não-literária através da linguagem, do conteúdo e por um tipo de conhecimento da realidade e pelo grau elevado deste conhecimento, ela também se distingue de outra maneira: a *forma*. Isto porque, o poeta, o escritor, o dramaturgo são pessoas que sentem a existência com mais sensibilidade, enxergando os fatos de forma mais aguda, analisa com mais inteligência os problemas rotineiros da vida; e quem tem mais o que dizer, diz com mais palavras e em mais complexa expressão, sendo o escritor - diferenciando-se dos homens comuns -, um criador de expressão, pois tem contentamento de inventar novas expressões e formas de redigir para suas intuições. A obra literária se caracteriza também por sua forma, peculiar a cada tipo de obra é fruto do esforço criativo que a produziu.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, com suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais sempre estão passando. Tomamos como exemplo as variações de formas de família, as maneiras de habitar, de se vestir, de renda financeira, distribuição de seus produtos, conceitos, língua, hábitos etc. Nos mais variados agrupamentos humanos as formas de viver estão diretamente ligadas à sua história, relacionando-se com as condições materiais de sua existência.

Motivo pelo qual, o que caracteriza uma obra literária será o ambiente cultural no qual vive e atua o seu autor. É fácil perceber que, embora nos comportemos, nesta ou naquela situação, por força de impulsos de nossa personalidade (conscientes ou inconsciente), bem examinados os nossos comportamentos, eles refletem influências do meio cultural em que vivemos. É esse meio que nos fornece a língua com que nos expressamos, os valores que defendemos, o gosto que nos leva a preferir determinadas coisas etc. E se bem virmos, o que acontece com cada um de nós acontece com os escritores: eles estão sujeitos às influências do meio cultural a que pertencem e suas obras refletem, fatalmente, essas influências.

Por este motivo, podemos afirmar que existe entre a obra literária e o meio ambiente cultural que a envolve, não apenas íntimas relações, mas também uma interação, pois, se é certo dizer que o ambiente cultural exerce influência sobre o escritor e se expressa em

sua obra, não é menos certo dizer que uma obra acaba também por exercer influência sobre o meio cultural que a envolve.



Aula 3 - A Ficção E A Função Social Do Escritor

Vamos agora, após ver alguns conceitos de realidade, entrar no campo da *ficção*, sobretudo a voltada à arte, seja através da literatura, da pintura, do teatro ou do cinema.

O ato de contar *histórias e estórias* sempre esteve presente na vida do homem, desde os tempos mais remotos ao pé do fogo, até as sofisticadas salas de projeção, convivendo com personagens, que atuam num tempo e num espaço diferenciados, marcados por uma narração feita por alguém (o narrador).

Quando você lê um romance, um conto, ou assiste a um filme, vê personagens verossímeis ou não, de uma estória também plausível ou absurda, num tempo e num espaço, organizados ou caóticos. A este tipo de narrativa chama-se *ficção*, em oposição aos filmes documentários, aos livros autobiográficos, cujas personagens efetivamente viveram. Os fatos, aí narrados, podem ser atestados

pelos manuais de história, pelos jornais, pelos testemunhos pessoais e o tempo e o espaço são mensuráveis e concretos.

O conceito que a arte se distingue da realidade é algo que já vem de muito longe, amplamente explorado pelos filósofos Platão e Aristóteles. Por isto, quando lemos uma obra literária (romance, conto, poesia, novela), ou assistimos a um filme, sempre estaremos à mercê dos perigos ou dos benefícios da arte, criação da imaginação, da fantasia, coisa sem existência real, apenas imaginária, que se confunde com sonho, com utopia e até com loucura.

O ato de criação através da ficção é propor novas ordens, novos sistemas de pensamentos, e uma nova maneira de se ver o mundo, sendo a criação ameaça à ordem instituída, às bases em que a sociedade se apoia. Se entrarmos um pouco no campo da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), dizia que a fantasia seria o reduto da liberdade. A arte promoveria o retorno daquilo que foi reprimido, o retorno do recalcado de uma forma sancionada pelo sistema social.

A ficção está muito próxima da realidade, pois esse sistema social dito por Freud, sabe se aproveitar também dessa necessidade de fantasia do homem. Quando sonhamos (seja através do sono, seja acordado), temos contato com a ficção. Temos acesso a outros tipos de fantasia através da televisão, das revistas e, para alguns, através do cinema. A ficção quase sempre está a serviço da realidade. Pegamos por exemplo, as telenovelas - onde através das peripécias do galã, sofrendo para conquistar a mocinha, onde rimos das cenas engraçadas, ou desejamos ser tais ídolos -, repassam aos telespectadores a fantasia ficcional juntamente com uma dose maciça de realidade, transmitindo valores que interessam à ideologia dominante. Repassando o conceito que tudo é fácil, ou poderá acontecer como “num conto de fadas”, as soluções mágicas

apresentadas pela telenovela impedem o telespectador buscar saídas para eles à nível social.

Com a criança, o bombardeio é maior. Assistindo à grande variedade de programas infantis, principalmente os desenhos animados, a criança assimila valores que defenderá por toda a vida: a eterna luta do bem contra o mal com a garantida vitória do bem, a violência permitida aos agentes da lei como os super-heróis, as ideias de competição, de rivalidade, de ascensão social através da acumulação de riquezas, etc.

Aqui vamos encontrar a ficção a serviço da realidade dominante - usando a fantasia para impor a repressão, a verdade oficial - em vários outros segmentos artísticos, tais como nas revistas em quadrinhos, nas fotonovelas, nas “inocentes” histórias de amor, nas revistas eróticas ou pornográficas, no cinema, na literatura, na literatura infantil e na arte em geral, onde, em nome da ficção, esses meios reduplicam o real instituído, conservando-lhes as máscaras e os disfarces.

FICÇÃO E CRIAÇÃO

Deixamos agora a ficção enquanto produto da arte dominante e vamos entrar no campo da criação. A arte aponta para o espírito lúdico do homem, possuidor de uma necessidade de jogar, de brincar, desvinculada de uma função utilitária. Por este motivo, acredita-se que a imaginação artística representa a reconciliação do indivíduo com o mundo, tendo o desejo com a realização da felicidade, com a razão. Para muitos intelectuais, a arte em geral representa um veículo de libertação.

Não há como negar que, em nossa sociedade, a arte tem tal função, que na arte a ficção tem o seu sentido original, ligado ao verbo fazer, ao verbo criar. Mas seria simplista deixar de observar outros ângulos da questão. É claro que um quadro, um filme ou um livro podem, através da ficção, desmascarar a realidade das relações sociais, mostrando que essa realidade é uma inverdade, uma mentira. Logo, a ficção pode ser mais real que o que se quer realidade, e o real pode ser mais ficcional que o que se quer ficcional.

Seguindo vários desses conceitos expostos até aqui, podemos encarar a ficção como uma saída, sendo a libertação do indivíduo, a absoluta denúncia, ou a reduplicação do real ao qual estamos submetidos. Ao mesmo tempo em que a ficção é algo utilizado pelo controle social, ela também pode se utilizada (por meio da imaginação e criação artística), como produto de denúncia, conscientização e libertação de toda uma sociedade!

Dentro de uma sociedade vários textos - sejam eles escritos pela linguagem verbal, texto feito com imagens, com sons, com cores, texto da arte, texto científico, texto da arquitetura, do urbanismo, dentre outros -, são produzidos e lidos pelos seus membros. Muitos desses textos escondem a chamada realidade. Mas também nos permite, por meio de uma leitura cuidadosa e crítica, desvendar o real enquanto processo, fruto das relações dos homens entre si e com a natureza.

O texto não diz apenas o que seu autor quis dizer, diz muito mais e, lendo-o criticamente, podemos até virá-lo pelo avesso, quando passará a dizer o contrário do que se pretendia. Uma casa construída por milionários não diz apenas do poder aquisitivo dessas pessoas ou do conforto a que elas têm acesso, mas explicita ainda as diferenças sociais, as injustiças e muito mais. Uma letra de música

que fala de amor pode evidenciar a sujeição do amor ao sistema de trocas, como uma forma de comércio. Um poema que elogia a mulher pode desvendar sua situação de inferioridade em relação ao homem.

Por traz do rótulo de ficção, vamos encontrar os discursos mítico, onírico e o artístico, especificamente o literário. Todas essas formas de discursos - conhecidos também como discursos de representação -, têm em comum o fingir, o representar de forma diferente o nosso cotidiano. No mito, no sonho e no discurso literário, o homem estaria representando, fingindo, de maneira a desempenhar papéis diferentes daqueles que desempenha usualmente.

Escorado no fingimento, o discurso literário utiliza-se de vários elementos para se conceituar um texto como literatura, sendo o primeiro desses elementos o caráter fictício, recriando a realidade. O homem se representa e à sociedade em que vive, através da ficção. Para isto, utiliza-se além do enredo e conteúdo, as personagens para dar vida e estrutura a narrativa. Ficcionalis, as personagens são seres de papéis que, se estruturando no contexto da obra, ganham vida, nos permitindo ler, além da ficção da qual fazem parte, a sociedade que criou o texto. Seja através da ficção ou do processo de criação, as personagens sempre representam o que poderia ter sido. Isto porque, seja através da literatura ou da linguagem tudo é possível. Certa vez, Aristóteles respondendo a Platão, dizia que, enquanto a história narrava o que realmente tinha acontecido, o que podia acontecer ficava por conta da literatura.

Todavia, tentamos nestas poucas linhas trazer uma reflexão sobre a realidade e a ficção. Buscamos também compreender o espaço ocupado pela ficção no contexto social, bem como sua função, ou funções, nesse meio. Só que nessas rápidas reflexões, ainda nos falta

falar um pouco com relação à *ficção científica*. São obras com imagens típicas, sempre claras até mesmo para os não-aficionado: espaçonaves, mutantes, cidades submarinas, pistolas desintegradoras, impérios galácticos, viagens no tempo, supercomputadores e muitos outros elementos que qualquer leitor casual em qualquer livraria, consegue de imediato identificar com nitidez a estante de obras de ficção científica.

A exemplo ilustrativo, temos que lembrar que a ficção científica utiliza muita matéria-prima da ciência, mas manipula os instrumentos da ficção. O resultado disso é que seu compromisso não é com a verdade, e sim com a imaginação e a fantasia. Uma história de ficção é a que consegue nos mostrar um universo diferente do nosso, em geral mais complexo do que o nosso, e dar-lhe uma coerência satisfatória. Isso garante as condições para se fazer boa ficção, ou seja, contar uma boa história, uma história que deixe uma impressão forte, e que faça pensar.

Embora sejam grandes obras de ficção científica, onde seres estranhos ou máquinas fantásticas são criadas por esses autores, em seu conteúdo há um referencial humano nas narrativas. Sentimentos de amor, medo, coragem ou covardia, solidão ou solidariedade sempre estão presentes em seus personagens. Portanto, por mais fantástico que seja esse mundo ficcional, ele será verossímil porque mantém uma lógica interna que representa a realidade.

Passamos por vários fragmentos de conceitos, os quais acreditamos que poderão contribuir em muito para a *formação social* de um escritor. São noções fundamentais para quem deseja desempenhar o ato de escrever.

Embora nunca seja demais lembrarmos da relação entre o conteúdo de uma obra literária e a realidade, vale lembrar que a principal meta de um escritor é criar e não apenas reproduzir. Uma obra é filtrada da realidade bruta e concreta, permitindo ao escritor selecionar “pedaços” significativos do cotidiano, sintetizá-los e recriá-los artisticamente. Assim, a verdade literária precisa ser verossímil, podendo até partir daquilo que nunca aconteceu, mas poderia ter acontecido. Segundo Lajolo(1989),

Literatura é a porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um.

Liberalmente, o literato cria pessoas e situações em um mundo literário, permitindo que sua significação e atualização da mensagem esteja no leitor.

Mesmo sendo a literatura invenção ficcional, ela não surge do nada. O processo de criação é algo bastante dinâmico, sendo que a missão social do escritor é (e sempre será) criar e recriar, procurando sempre despertar mentes críticas, pois, como escreveu o poeta Fernando Pessoa, “viver não é necessário; necessário é criar”.



MÓDULO 2

COMO ESCREVER BEM